

## REVOLUÇÃO MEXICANA: A VISÃO DOS CONTEMPORÂNEOS FLORES MAGÓN E JOHN REED

Julieny Oliveira Espindola\*

Dr. José Santana Silva\*\*

### Introdução

O presente trabalho é parte do projeto de pesquisa *Revoluções na América Latina: um balanço historiográfico*. Analisa os escritos de dois contemporâneos da Revolução Mexicana, Ricardo Flores Magón e John Reed, visa identificar as perspectivas teóricas, políticas dos autores e possíveis interpretações valorativas das obras analisadas sobre aquele acontecimento.

O conceito de revolução adotado aqui é definido como a transformação radical da sociedade, entendida como a superação das relações de produção e demais relações sociais, incluindo as relações de poder, dominantes. Essa transformação deriva das próprias contradições existentes entre as forças produtivas e as relações de produção, que reflete na luta de classes. Por sua vez, acaba por envolver toda a sociedade sintetizando-se na luta contra o Estado, principal responsável pela reprodução das relações sociais dominantes.

Na América Latina, a revolução mexicana se tornou referência para muitas outras lutas das classes exploradas e oprimidas na região. Inicialmente, a revolução no México foi impulsionada por uma tendência burguesa de oposição ao regime ditatorial de Porfírio Díaz, que governou o país nos períodos de 1876-1880 e 1884-1911. Posteriormente, adquiriu maior radicalidade com a participação de camponeses liderados por Emiliano Zapata e pelo exército popular de Pancho Villa.

A contextualização da revolução mexicana será feita a partir do governo de Porfírio Díaz ou porfiriato. Este recorte se deve aos limites deste texto.

Ao dar o golpe de estado em 1876, o general Porfírio Díaz alicerçou seu projeto de poder na ordem e pacificação, juntamente com o acelerado progresso econômico e uma política centralizadora, impulsionando o desenvolvimento industrial e a extensão da rede ferroviária no México, de modo a proporcionar uma verdadeira reforma urbanística<sup>1</sup>.

\* Graduanda bolsista em História no Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas da UEG.

\*\* Pesquisador proponente. Docente no Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas da UEG.

<sup>1</sup> Barbosa (2010) descreve o governo de Porfírio como oligárquico, estabilizou a economia e a política no último quarto do século XIX, após todo o processo de instabilidade vivida após a independência. Da mesma forma, como foi responsável pela centralização política e econômica do país.

Entretanto, o México era predominantemente semicolonial, mantinha a estrutura agrária própria de uma economia de autoconsumo. O capital a ser investido nesse desenvolvimento foi o estrangeiro, principalmente norte-americano. De acordo com Nunes, “A dinâmica imposta pela penetração do capital estrangeiro, embora mantenha o México num estado ‘semicolonial’, tenta – por força da dialética imanente ao próprio capital – desbloquear esta situação” (NUNES, 1999, p. 41). Por outro lado, em nome do progresso, tem-se uma repressão aos trabalhadores e camponeses, pois, conforme avançava a influência estrangeira no país, maior teria de ser a dimensão espacial para o próprio desenvolvimento do capitalismo, e isto acarretaria na expropriação de camponeses de suas terras, como no aumento dos trabalhadores urbanos. Estas medidas acarretaram revoltas pelo país. Entre elas, no final do ano de 1906 na região de Tlaxcala e Puebla, ocorreram greves nas indústrias têxteis que reivindicavam melhores condições de trabalho. Em Río Blanco os trabalhadores depredaram uma fábrica e foram brutalmente reprimidos pela polícia. Muitos dos trabalhadores que participaram dessas greves eram vinculados ao Partido Liberal Mexicano, fundado em 1901 pelos irmãos Flores Magón e pela influência dos artigos publicados no periódico *Regeneración*.

No ano de 1910 a revolução inicia-se com interesses diversos: de um lado, a política ditatorial de Porfírio Díaz lança sua sétima reeleição; de outro, o influente dono de propriedades, Francisco Madero, cria o projeto político antirreelecionista que acaba o revogando na procura de estabelecer uma aliança com Díaz para eleger ao cargo de vice-presidente um membro do Partido Nacional Democrático. O mesmo aconteceu com o *Plan de San Luis*<sup>2</sup> no momento em que Madero se torna presidente no curto período de 1911-1913. Com uma política autônoma no sul do país as forças camponesas vinham sendo lideradas por Emiliano Zapata, cuja principal reivindicação era a de restituir as terras comunais que foram expropriadas dos camponeses, além de promulgar o *Plan de Ayala*<sup>3</sup>.

Após a renúncia de Díaz o panorama político mexicano é instável. A revolução acaba por não atingir seus propósitos. Com o governo provisório de Francisco León de La Barra tem-se a dualidade de poder entre aqueles que defendiam uma política nos moldes porfirista, e a política reformista de Madero, que abdica seus objetivos propostos inicialmente

---

<sup>2</sup> Este plano afirmaria o que foi defendido em sua campanha política. Datado de 5 de outubro de 1910, Madero, convoca o levantamento em armas contra o regime de Porfírio, propõe eleições democráticas e livres, como, restituir as terras expropriadas dos camponeses.

<sup>3</sup> Emiliano Zapata, a 25 de novembro lança o plano em que considerava Madero traidor da revolução, por utilizar da força contra os próprios revolucionários, além de consentir com os grandes proprietários. Nunes (1999) afirma que este plano é essencialmente agrarista e de cunho social. Proclama que todas as terras, bosques e águas, deveriam ser devolvidos às comunidades rurais e defendidos de armas em punho.

contradizendo com os interesses dos revolucionários. Desta forma, são convocadas novas eleições e Francisco Madero sai vitorioso. Propunha que o problema agrário poderia ser resolvido institucionalmente, contrário às medidas instauradas por Zapata no *Plan de Ayala* (idem). O governo de Madero foi marcado pela oposição zapatista e de grupos remanescentes do porfiriato. A revolução toma características político-jurídica, mesmo com o auge revolucionário alcançado pelas populações camponesas na convenção de Aguascalientes (outubro de 1914), o controle da ação reformista sobre a população operária e a falta de sucesso pelos anarquistas em propor a união entre a classe operária e o campesinato facilitando a cooptação burguesa nestes setores.

### **Referencial Teórico**

A perspectiva teórica adotada na análise das obras de Reed e Flores Magón é o materialismo histórico-dialético, conforme esboçado por Marx, que compreende os fatos como parte de uma totalidade. Desta forma, os indivíduos condicionados pela realidade em que se encontram inseridos elaboram e reproduzem representações sobre ela. A compreensão desta totalidade é, portanto, determinada pelo ser social dos indivíduos. É desta perspectiva que são analisadas as obras dos referidos autores.

### **Metodologia**

Metodologicamente, a referência deste trabalho se fundamenta no materialismo dialético. Dessa perspectiva as representações formuladas pelos autores das obras aqui estudadas expressam a sua consciência, marcada por valores e interesses com os quais se identificam. Portanto, *México Rebelde*, de John Reed, e *A Revolução Mexicana*, do anarquista Ricardo Flores Magón, foram analisadas conforme o contexto em que foram produzidas.

### **Resultados e Discussões**

A partir da leitura das obras, os resultados e discussões que dizem respeito ao autor John Reed serão apresentados da seguinte maneira: foi um escritor e jornalista contemporâneo à revolução mexicana; em seus escritos relata de forma poética os acontecimentos entre os anos de 1910 e 1920, período em que ficou no México. Nessa época, Reed trabalhava no jornal Metropolitan editado na cidade de Nova York. Sua inquietação por problemas sociais o levou ao México. Refletiu na sua atuação política nos E.U.A. Formou-se em Harvard, um dos centros do pensamento conservador norte-americano. No entanto, vê na revolução mexicana um grande acontecimento popular. Para ele, o protagonista da revolução seria a população mexicana pobre. Em suas descrições procura deixar de forma sucinta o que a população mexicana pensava sobre a revolução.

Reed atua como um observador, inquieto e curioso, analisando a situação na cidade de Presidío, no estado de Ojinaga, fronteira entre o México e Estados Unidos, que torna uma verdadeira zona de conflito não armado, mas de interesse, usurpação e de imposição por ambos os lados. Em suas primeiras observações descreve um cenário cheio de pessoas famintas, doentes e com medo dos conflitos internos do país, ao mesmo tempo em que ao atravessarem a fronteira norte-americana cairiam nas “...unhas dos funcionários da alfândega e da Imigração e das patrulhas do exército na fronteira, que os procuravam por causa das armas” (REED, s/d, p. 9). Verifica em que proporções à população mexicana tomava consciência da revolução e acaba constatando que poucos haviam tido conhecimento, da mesma forma, que o fato por vezes era descrito como algo assustador. Nos trechos do livro, o dia-a-dia, os medos, a ambição e o futuro desejado pelos habitantes de cada cidade e povoado ficavam descritos em seus trechos, como características da sua forma de analisar os desdobramentos da revolução. Na narrativa dos personagens, apesar das dificuldades constatadas pela miséria do povo mexicano consequências da revolução, Reed os caracterizam como solidários e que aproveitam as noites calmas para festejarem. Os camponeses nos trechos de seu livro são um grupo que vivem a margem da sociedade. A revolução seria o meio para transformar a situação de vida que a maioria da população vivia.

Ricardo Flores Magón recebeu a influência do anarquista Plotino Rhodakanaty<sup>4</sup>. Fundou o periódico *Regeneración*, em que publicava artigos com o intuito de chamar a população à guerra. De origem mestiça, irá aprender desde cedo o sentido da luta pela liberdade. Para Magón, a revolução só se concretizará no momento em que o revolucionário tomar consciência que ele é um ilegal, pois a própria luta pela emancipação humana como a revolução não poderá ser alcançada pelo uso da lei. Segundo Magón

A Lei conserva, a Revolução renova. Assim, para renovar é preciso começar rompendo a Lei. Pretender que a Revolução seja feita dentro da Lei é uma loucura, um contrassenso. A Lei é jugo, e aquele que quiser libertar-se do jugo tem de destruí-lo (MAGÓN, 2003, p. 27).

A repulsa pela lei é o modo de dizer que os protagonistas da revolução seriam os próprios trabalhadores, que o Estado não lutaria pelos anseios da população trabalhadora, a sua função seria resguardar os interesses da classe dominante e mantê-los expropriados de suas terras. A revolução segundo a visão de Magón deverá ser aquela que derruba qualquer forma de poder de uma pessoa sobre a outra. Critica os trabalhadores que lutam e fazem uma

---

<sup>4</sup> Precursor das ideias anarquistas no México. Rhodakanaty, era um apreciador das ideias de Fourier e Proudhon, dará maior visibilidade para o desenvolvimento das organizações operárias e levantes camponeses. Atuará na *La Social*, um grupo de reflexão e ação destas ideias colocadas em prática a partir de experiências libertárias.

revolução para os ricos, e os alerta para o verdadeiro propósito da ação, que são seus direitos. Em seus artigos pondera a importância dos trabalhadores tomarem consciência de suas lutas a fim de não deixar que nenhum poder ou pessoa possa pensar por eles. Por fim, afirma que acabar com qualquer forma de opressão de um homem sobre o outro se baseia na expropriação da terra dos grandes proprietários, no fim da exploração capitalista e, que o fim destas relações não seja para reerguer outra forma de controle, mas, para alcançar a liberdade.

### Conclusão

Pode-se concluir que a revolução mexicana impulsionou em seu início as inúmeras camadas da população contra o governo de Díaz, mesmo com o não conhecimento de algumas pessoas sobre o que ocorria no México, conforme constatado por John Reed. Por outro lado, as insatisfações da população operária e dos camponeses em uma luta histórica por melhores condições de trabalho e a devolução de suas terras expropriadas pelos sucessivos governos, terá Flores Magón como principal articulador na proposta de unir estas causas e fortalecer a luta revolucionária. Apesar dos esforços empreendidos por Magón através de seus artigos a fim de que os trabalhadores tomassem consciência de suas lutas sem esperar ações do Estado no final, a repressão reformista da revolução acaba desarticulando as lutas. John Reed por outro lado, em seus escritos mostra a vida desta população que da noite para o dia tornam-se envolvidos pela luta revolucionária. Entretanto, na narrativa de Reed apesar dos trabalhadores e camponeses serem os personagens da revolução, segundo ele, estes não possuíam um projeto de mudança para o futuro, desta forma, irão ver nas propostas de Pancho Villa um líder a ser seguido. O que se vê ao final da revolução serão propostas institucionais e o desmantelamento da ação dos revolucionários.

### Referências

- BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *A revolução mexicana*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- FLORES MAGÓN, Ricardo. *A Revolução Mexicana*. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. – São Paulo: Imaginário, 2003.
- MARX, Karl. *Para a crítica da economia política; salário, preço e lucro; o rendimento e suas fontes: a economia vulgar*. Traduções de Edgard Malagodi *et al.* 2ª ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1986. (Os economistas).
- NUNES, Américo. *As revoluções do México*. Perspectiva, 1999.
- REED, John. *México rebelde*. Tradução de Mary Leite de Barros. – São Paulo: Círculo do Livro, s/d.